**ATIVIDADE PARA O DIA 25/05**

**José Carlos Camillo**

**Resumo de Otta & Bussab (2020), ‘Empatia, Altruísmo e comportamento pró-social’, cap. 5 do livro ‘Estados afetivos e comportamento humano: bases psicoetológicas’.**

Neste capítulo, as autoras discutem o comportamento pró-social a partir do modelo percepção-ação proposto por Preston e de Waal. Segundo esse modelo, percebemos as emoções alheias pela corporificação delas. Esse processo se dá em 3 níveis de “complexidade”: 1) espelhamento motor e contágio emocional; 2) preocupação empática e consolo; e 3) adoção de perspectiva e ajuda direcionada. Antes de chegar na apresentação do modelo percepção-ação, as autoras discutem um pouco (na forma de uma rápida digressão histórica) os conceitos que o modelo pretende explicar: comportamento pró-social, empatia e altruísmo. De maneira simples, comportamento pró-social é qualquer comportamento em favor de um indivíduo que não o próprio que esteja realizando; empatia tem a ver com reconhecer as emoções alheias e pode ser cognitiva (entendimento das emoções alheias) e afetiva (compartilhamento das emoções alheias); e altruísmo destaca o custo desse comportamento para quem o pratica. Depois dessa digressão, elas apresentam o modelo percepção-ação e como ele está ligado ao desenvolvimento das relações sociais humanas. Inclusive, os três níveis de complexidade que o modelo apresenta podem ser vistos se desenvolvendo ao longo dos primeiros anos de vida de uma criança. O modelo enfatiza que esse comportamento pró-social vem de uma percepção direta da emoção alheia através de um processo de imitação – compartilhamento de emoção – reconhecimento – tentativa de ajuda/conforto. Após essa apresentação, as autoras discutem brevemente as causas desse comportamento, começando pelas causais distais/evolutivas e depois passando às proximais. Como não existem muitas evidências palpáveis da prática de comportamentos pró-sociais em outras espécies do gênero homo, as autoras dão o exemplo dos primatas que, inclusive, apresentam os 3 níveis de complexidade, e da evolução dos cães a partir de exemplos recentes como os de raposas. Como tentativa de explicação proximal desse comportamento, é apontado o fenômeno neurofisiológico do sistema de neurônios-espelho, que inclusive se harmoniza bem com o processo descrito pelo modelo percepção-ação. As autoras, então, terminam discutindo algumas implicações do modelo para processos terapêuticos a partir de um entendimento da depressão e outros fenômenos a partir de um desenvolvimento problemático do comportamento pró-social.

**Questões do texto de Gallese (2007), ‘Intentional attunement: the mirror neuron system and its role in interpersonal relations’**

Eu achei o texto bastante didático e explicativo. Ele tenta mostrar que existe uma simulação corporificada no processo de entendimento das emoções alheias e em comportamentos sociais. A explicação dele é a partir do sistema de neurônios espelho, que foi descoberto primeiro em macacos, mas existe grande evidência de que também ocorre em humanos.

Eu poderia ter uma birra igual semana passada em relação aos termos da metáfora computacional que ele usa, mas vou deixar essa discussão de lado porque o tempo todo ele insiste que o “conteúdo mental” e as “representações” das quais ele trata não são semânticas ou proposicionais.

Eu tenho uma dúvida que pode até parecer besteira, mas ele cita logo no começo que foi usado um estudo TMS (p. 2, penúltimo parágrafo) para analisar ações comunicativas envolvendo a boca. Só queria saber que tipo de estudo é esse.

Como não tive perguntas de fato sobre o texto, vou destacar o que mais me chamou a atenção. Ele diz que temos uma percepção direta (não-mediada) das emoções alheias por meio dessa simulação corporificada. Eu estava estranhando porque, se depende de uma simulação para o entendimento, há uma mediação aí. Mas a questão que ele explica (conforme eu entendi) é que, por essa simulação, eu não preciso fazer inferências a respeito do o outro está sentindo porque, de certa forma, eu passo a sentir também por meio dessa simulação corporificada. Isso combina com o que a Otta e a Bussab disseram no texto delas (resumo dessa semana) quando elas falam que dizer que a dicotomia altruísta/egoísta se dissolve um pouco no modelo percepção/ação porque ajudar o outro em seu sofrimento é também uma forma de se ajudar porque a pessoa está sofrendo junto com a outra.